

1
ESCUDO

Reportagem

Semanario das
grandes reportagens

ANO I

27 de Dezembro de 1930

Numero 21



LER NESTE NUMERO: Os segredos de Londres—O que diz a bruxa sobre 1931—Um brasileiro de torna-viagem, etc., etc.

"GARANTIA"

COMPANHIA DE SEGUROS

(FUNDADA EM 1853)

Capital integralizado Esc. 1.000.000\$00
Reservas em 31 de Dezembro de 1927
Esc. 6.611.363\$33

Os segurados da «GARANTIA» devem ter sempre em vista que nenhuma outra Companhia lhes pode oferecer maiores vantagens: o seguro de vida obedece à matemática e esta é uma só. O que os segurados devem exigir é idoneidade da Companhia, e, neste ponto, a «GARANTIA» tem a esculda-la o seu passado

SÉDE

Rua Ferreira Borges, 37 — PORTO
(EDIFÍCIO PRÓPRIO)

DELEGAÇÃO CENTRAL
Praça da Liberdade, 13 e 14
Casa Bancaria Sousa, Cruz & C.a, L.da

DELEGAÇÃO EM LISBOA
Rua de S. Julião, 63 a 71
(EDIFÍCIO PRÓPRIO)

NICOLAU FERRAZ

Espanha, França, Brasil
e America do Norte



PASSAPORTES

Agente no Norte

da **United States Lines**

TELEFONE, 762

Rua do Loureiro, 60, 62

PORTO

MODICIDADE DE PREÇOS

Antes de comprar uma maquina de escrever portátil ou para escritório, sirva-se V. Ex.^a pedir oferta da

UNDERWOOD

ao agente:

CARLOS DUNKEL - R. Sá da Bandeira, 62

Telefone: 1013 — PORTO

SABÃO CASTELO

O melhor produto para tirar nodos

Preço 1\$00

À venda em todas as drogarias

BANCO DE PORTUGAL

Sociedade Anónima de Responsabilidade Limitada

Capital — 13.500.000\$00

SÉDE — Rua do Comércio, 148 — LISBOA

Caixa Filial no Porto

Agências em tôdas as capitais dos distritos administrativos do Continente e Ilhas dos Açores e Madeira, na Covilhã, Elvas, Extremoz, Figueira da Foz, Guimarães e Lamego e correspondências privativas em Moura, Olhão, Portimão, Tôrres Vedras e Vila Real de Santo Antonio

Correspondentes nas principais terras do País e nas mais importantes praças do Estrangeiro



É caro? É! Mas no **ESCONDIDINHO**

come-se, porque o **ESCONDIDINHO**

é quem melhor serve.

□ □
A sua cozinha, os seus «ménus», os seus serviços, os seus talheres, os seus vinhos são celebres e não têm rival.

□ □
Rua Passos Manuel — PORTO

Banco Lisboa & Açores

SOC. ANON. RESP. LIM. — Fundada em 1875

Capital Esc.: 10.000.000\$00

Reservas: 7.050.000\$00

DEPOSITOS Á ORDEM E A PRAZO
DESCONTOS — COBRANÇAS

COMPRA E VENDA de cheques e letras s/ o Estrangeiro. Contas correntes com juros em Esc. ou moeda estrangeira. Cartas de crédito s/ o País e Estrangeiro.

COMPRA E VENDA de Fundos públicos, títulos diversos, coupons, notas de Banco, moedas de ouro e prata estrangeiras. Guarda de títulos. Empréstimos com garantia de títulos. Ordens de Bolsa de Lisboa, Porto e todas as praças do Estrangeiro. Cofres de aluguer. Administrações de propriedades.

Séde em Lisboa — RUA AUREA, 88

Filial no Porto — AVENIDA DAS NAÇÕES ALIADAS

DEUS DA' A SORTE

a quem se

habilita na

PEDIDOS A

AGENCIA DE PUBLICAÇÕES

Praça da Liberdade, 129 — PORTO

MANUEL DA SILVA BRAGA

AS PREDICÇÕES DE UMA BRUXA PARA 1931

Um redactor do «Reporter X» admira mais do que escuta a adivinha da Rua da Rosa

ENTRA-SE por uma porta da Rua da Rosa. As escadas estão mergulhadas em sombras e em lixo. Sobem-se os primeiros degraus, carcomidos e carunchosos, que estalam ruidosamente debaixo dos nossos pés. «Essa mulher de virtude mora no ultimo andar» — informa-nos uma mulher que espreitou na porta do primeiro andar onde batemos. Temos que subir de novo. Cicero tinha razão: *Há subidas que equivalem a quedas...* A mulher que procuramos, que meia Lisboa considera a imperatriz das feiticeiras, subiu muito na consideração dos seus clientes, mas desceu... na consideração da policia que, há muito, a espreita, desejosa de a encontrar em acção flagrante... Entre essa mulher e a policia mantem-se o que se chama um duelo de vigilancia. Muitos dos habitantes da Rua da Rosa estão pagos pela «mulher de virtude» para a prevenirem das armadilhas policiaes, e, muitas vezes, de dia e de noite, têm resultado infructíferos os assaltos dos agentes da autoridade. E receber-nos-á a nós, essa mulher? Vamos a duvidar, vamos já a prevenir o hipotético mau resultado da nossa visita, mas acima desse receio vem colocar-se a convicção de que foi ela quem nos telefonou e pediu para a irmos entrevistar. Desejo de celebridade? Talvez. Uma entrevista tem sempre qualquer coisa de réclamo... Chegamos, agora, ao terceiro andar. E' aqui, na porta da esquerda, onde uma pequenina grade nos faz pensar num vigia misterioso, que mora a bruxa que tem tido nas suas mãos segrêdos de quasi toda a cidade. Há mais de cinco minutos que puxamos o cordão de uma campainha cujo som não chegou até aos nossos ouvidos, mas só agora vieram abrir a grade. E' de homem ou de mulher a cara que espreita do lado de lá? E só depois de repetirmos por duas ou três vezes o nosso nome e o de nosso jornal, é que a porta se abre vagarosamente. «Passe por aqui» — diz-nos alguém que está na nossa frente, mas que se esconde na escuridão que domina todo o corredor. Envolvidos de sombras, conduzidos pela mão da figura misteriosa, somos levados através do corredor em trévas.

NA SALA DAS PREDICÇÕES

Deixaram-nos sós e, volvido um momento, fez-se luz. Estamos numa grande sala que parece ter sido mobilada por um antiquário. Os objectos mais antigos e mais raros espalham-se pelas paredes, na nossa frente, e sobre cadeiras de tô-

dos os modêlos e de tôdas as épocas, vêem-se animais e reptis embalsamados. As portas estão defendidas por reposteiros de veludo cardinal escuro. Na nossa frente está uma secretária onde repousa um grande glôbo. Arrasta-se uma meia hora pesada, asfixiante, que nos dá tempo de fazer um inventário, demorado e aborrecido, de toda a mobilia. Devem estar a medir-nos, a estudar-nos... Quem sabe?... Talvez que do lado de lá, daquella porta, estejam olhos alerta, pro-



curando, investigando, se nós sômos, de verdade, a pessoa que dissemos.

BRUXA QUE NÃO PARECE BRUXA

Não vimos por onde entrou. A rainha do mistério e dos bruxedos está diante de nós. Vamos a levantar-nos, mas ela diz-nos em voz autoritária que se esforce por ser amavel: «Deixe-se estar sentado. Diga-me uma coisa: Trouxe alguma máquina fotografica? Veja lá!... A minha proposta foi de que v. me poderia ouvir, mas que não podia fotografar...» Sossego-a. Não vim prevenido com o meu «kodak». E, de mim para comigo, penso que foi pena não vir munido de máquina... Ah! Porque é linda,

JULIO GORGAL

RÉCLAMES
CARTAZES

Publicidade no
«REPORTER X»

e tôdos os jornais nacionais e estrangeiros

não de uma beleza primaveril, mas de uma beleza outonal, pouco mais de trinta anos, a linda mulher, a linda bruxa, que eu supus ser muito velha e usar um irritante bigode. Sentou-se à secretária e pede-me, agora, para a interrogar.

— Sei que brinca com o destino, que transforma a infelicidade em felicidade, que prevê calamidades, gostaria por isso que me dissesse qual a sua previsão para 1931?

Lança-me um olhar rápido como resposta preliminar à minha pergunta. Depois, sempre em silêncio, os seus dedos finos — parecem agulhas de marfim — fazem girar incessantemente um papel que tem na sua frente. Cerra os olhos, leva as mãos à frente, e fitando-me a seguir com energia, fala assim:

— Preferia falar-lhe de mim, da minha profissão, que, ao contrário do que a policia pensa, é um sacerdotício. Mas, vá lá... O que será o ano que vai começar, que fisionomia e atitudes terá o ano 1931? Toda a face da terra será estremecida por duas revoluções, uma em Espanha e outra em Inglaterra, que devem assombrar os homens de certa idade... Entre nós, estou já a vêr o cenário de um grande cataclismo... Revoluções frustradas e revoluções triunfantes!... O ano 1931 vai ser um ano de desgraças para nós, portugueses. Qual a sua origem e a sua projecção? Não se pode prever tudo... Em moral? A mesma coisa... Teremos mais divorcios do que nunca, teremos mais crimes passionais do que em qualquer outro país. Em literatura? As banalidades de sempre... O senhor Julio Dantas continuará como presidente da Academia. O João Maria Ferreira, desgostoso de não haver triunfado como poeta e cavaleiro, irá para um convento espanhol... Lisboa terá mais um jornal da manhã, dirigido por um antigo deputado que, de um modo misterioso, conseguiu enriquecer. Ah! Mas deixe-me tranquilizar. Falar de Portugal é falar de um grande hospital.

Depois a rainha das bruxas, que tem uns olhos bruxos, diz-me que a policia conseguirá prendê-la, finalmente, em 1931, depois do que irá viver para Paris, talvez casada...

A luz apaga-se por um momento e logo vem de novo, como se alguém estivesse a brincar com o interruptor. Foi uma armadilha... A bruxa desapareceu. E, comandado pelas mesmas precauções, deixo aquela torre de mistério, volto para a rua, onde está, no passeio fronteiro, um policia a olhar para a casa que eu acabo de deixar.

GUEDES DE AMORIM

A LEI SÊCA NA AMERICA DO NORTE

Quadrilhas organizadas como Estados legítimos, com ministros e secretários, vivem do contrabando do alcool. «O proibicionismo faz mais vítimas do que a taberna!» — exclamou há pouco, alarmado, um grande médico norte-americano

PARECENDO que não, a vida da America do Norte gira hoje dentro dêste dilema:

— Conservação da «lei sêca»?

— Liberdade do commercio do alcool?

A Liga Proibicionista e tódos os seus numerosos adherentes decidem-se pela lei

extraordinario que, nos Estados, onde a fiscalização é menos severa e activa, a propaganda da imprensa menos, eficaz e a acção da Liga Proibicionista quasi inutil, devem perfazer essas instituições que o vicio organizou e mantém e os esperalhões vão convertendo num negocio fabuloso.

O contrabando de alcool constitui uma tentação irresistivel. As suas receitas exprimem-se por cifras enormes. Só em Chicago atingem 150 milhões de dollars.

Chicago é o grande centro de irradiação. Essa circunstância tem dado lugar a scenas emocionantes, a verdadeiras batalhas entre as famosas quadrilhas rivais que o *ecran* e os jornais revelam em dramas fascinantes de audácia. Para elas, o contrabando e o commercio do *wisky*, que a pequena ilha francesa de Saint Pierre introduz lá em espantosas quantidades, é, presentemente, a base da sua actividade. Grandes *camions* blindados, armados de metralhadoras, cruzam, de noite e de dia, as grandes estradas alcatroadas, abastecendo os depositos espalhados por tódá a parte. Em regra, a policia fecha os olhos, procura não se encontrar com elas. Mas, às vezes, tem de lhes fazer frente, procurando capturá-las. E atira-se contra os inexpugnaveis depositos ambulantes, em grandes massas. Inutilmente. As metralhadoras, infatigaveis, dizemam os assaltantes — e os *camions*-depositos continuam a sua tarefa de abastecimento.

Estas batalhas com a policia, que às vezes alcançam proporções de emocionante grandeza, tão viva e desesperadamente uns e outros se atacam, não é, ainda assim, o *clou* da vida belicosa para que o contrabando do alcool atirou ultimamente as grandes organizações de salteadores. Um conflito permanente, uma luta desesperada, atira-as umas contra as outras, na ansia de conquistar uma supremacia definitiva. Nas grandes extensões onde formam os seus acampamentos, há quasi sempre um ambiente guerreiro carregado, em que a inquietação não deixa de influir muitas vezes.

A organização a que Al Capone preside superiormente com o seu prestigio — sobretudo depois de ter vencido Jack Diamond — e com o seu audacioso desprezo pelas autoridades e pela policia, constitui, para as organizações menores, um perigo constante, uma preocupação aterradora, uma ameaça apavorante. Al

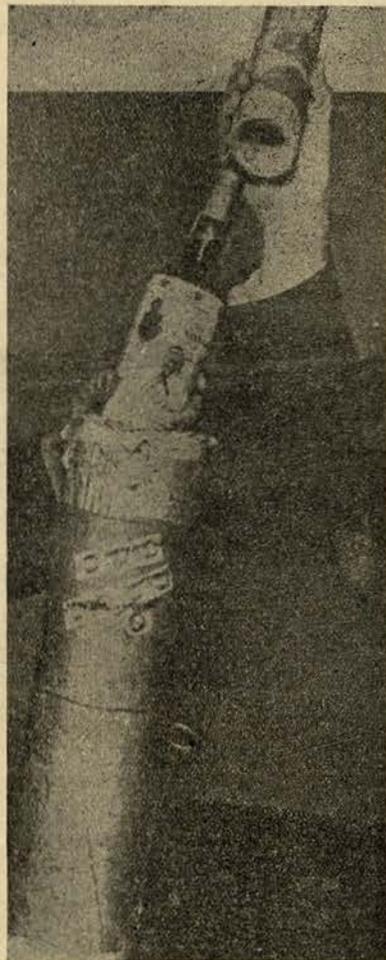
Capone é um rei, um rei cuja soberania é irradiação dêle próprio. A sua organização é um verdadeiro Estado constituido dentro das normas correntes. Tem os seus ministros e as suas repartições — os esconderijos do alcool importado clandestinamente e os locais onde



Uma senhora respeitavel com recheio humido

sêca e a sua acção intensifica-se no sentido de a conservar e de a fazer cumprir. Mas os contrarios fecham os ouvidos à sua prêgação e abrem as bôcas para saborear o *wisky* proibido.

Só em New-York atinge 36.000 o número de estabelecimentos onde se pode beber alcool. E' facil calcular o número



Um pacote de jornais proibicionistas enviados pelo correio

é vendido às escancaras. Deve ter também uma constituição e, talvez, até, um parlamento — a assembleia dos chefes de grupos e de serviços. Ao ministro da Guerra, que é um dos mais decididos salteadores da sua côrte, compete a direcção dos núcleos de assalto, tanto nas lutas com a policia, durante a peregrina-

(Conclui na pag. 14)

Negócio fechado

No Café Santa Cruz, junto da igreja do mesmo nome, tão cantada pelos poetas e garganteada nas gronolas por vozes de fadistas mais ou menos doutores, agruparam-se naquela noite alguns amigos de Coimbra, em amena conversa. Entre eles, que nos recorde, encontravam-se Fausto Gonçalves, o pintor coimbrão que exalça na harmonia das suas telas o poético Mondego, com o seu choupal romântico e as suas lavadeiras gentís, Antonio Saraiva, jornalista irrequiéto, coleccionador de aneddotas picarescas e poeta nas poucas horas vagas do seu jornalismo intenso, e um rapazote excêntrico, cujo nome nos escapa ao correr vertiginoso da pena, mas que todos conhecem pelos seus poemas populares e estranhos que sabem a loucura e a inédito.

O poeta popular acabara de dizer alguns



Trataram do caso como se fosse um negócio

dos seus versos extravagantes. Sentimental, olhos em alvo, a face alterada pela emoção, o versificador rematava, tentando pela palavra imitar os trínados do rouxinol:

*Menol, menol,
Missl, missi,
Lacol, lacol,
Liri, liri...*

Quasi todos sorriram da recitação do poeta. As palavras desconexas com que terminava o seu poema — «menol, menol, missl, missi» — não chegavam a ser palavras. Possuíam, no entanto, um quê de original, um ritmo estranho e sugeriam no nosso espirito a imagem da ave canora que elle queria evocar.

Saraiva, farto de poemas e obediente ao dever, ergueu-se e despediu-se. Tinha que estar a horas no jornal. Fausto Gonçalves também já prolongara demasiado a sua permanência no café. Saíram ambos, tomando o pintor a direcção da Camara Municipal e o jornalista a da Rua Visconde da Luz, movimentada e garrida

de estabelecimentos luxuosos como qual-quer grande artéria de Lisboa.

Foi então que verificámos que não quedavamos sós com o poeta popular. Ali perto de nós, á nossa banca, encontrava-se outra personagem — um rapaz dos seus vinte e tal anos, feio como nós,

alinhar tantas considerações sobre a falta de assunto em Coimbra, disse-nos:

— Preciso falar-lhe a sós, absolutamente a sós comsigo.

E olhou intencionalmente o poeta. Este, apesar do seu quasi permanente alheamento das coisas terrenas, compreendeu que aquelas palavras representavam para elle uma ordem de despejo. Estendeu-nos a mão ossuda, despedindo-se, e saiu, atravessando a praça para os lados das vielas sombrias onde elle estima beber á sucupa alguns copinhos de geropiga inspiradora.

Então o desconhecido, com ares misteriosos, puxou da carteira, de onde desencantou um cartão um pouco amarrado e dizendo sobriamente: «Tenho a ousadia de apresentar-me» — entregou-no-lo. No quadrilátero branco liam-se apenas estas palavras: *Eduardo Fonseca — Coimbra*. Nem o nome da rua, nem a profissão, nem outro qualquer indício que fizesse um pouco de luz sobre a treva de mistério que o envolvia.

Murmurámos, amaveis:

— Muito prazer em conhecê-lo...

Ele, sem fazer caso da nossa amabilidade, começou a falar-nos com pressa quasi aflitiva, como os moribundos que querem aproveitar os últimos instantes de vida para confessarem todas as suas culpas.

— Eu sou uma vítima e preciso que o *Reporter X* me vingue. Só você possui a coragem bastante para trazer a público a infâmia que se praticou, o crime que se cometeu na minha presença!...

Estas palavras foram proferidas com veemência e pelos seus olhos perpassou um clarão de loucura ou de ódio terrificantes.

— Sou uma vítima e quero vingar-me. Tomou o fôlego e, erguido o dedo trémulo como se ditasse uma sentença, exclamou:

— Venderam a mulher que eu amava! Olhámos Eduardo Fonseca de soslaio. Seria um louco? Seria uma vítima? Era o que iam averiguar, escutando-o.

Teve, decerto, mão nos nervos exaltados e recomeçou o discurso em voz lenta e calma, no fundo da qual se pressentia a corrente oculta e vertiginosa da sua indignação.

— Vim há anos estudar para Coimbra. Vivia, como tantos outros, de uma mesada escassa, de algumas estroinices e de

por 1.800 contos

um poema extravagante — Um assunto jornalístico que se apresenta realidade — Uma menina fotogénica — Um drama de Camilo sem tagem de sensação que escapa a um jornal de grandes reportagens

muito sonho, porque eu era um sonhador incorrigível e acreditava piamente que na vida real as coisas se podiam passar tal como nós as fantasiavamos.

«Enamorei-me de uma rapariga, muito gentil e prendada, filha de um negociante conhecido em Coimbra, o sr. Manuel Esteves, que passava por ter fortuna e, guiando um dos seus três automóveis de luxo, aparentava uma certa grandeza.

Ema — assim se chamava essa rapariga — parecia-me então a mulher ideal. Através da minha paixão, porque eu, soador, amava-a com inexcedível violência e sinceridade, ela era para mim uma angelical aparição, um ente sobrenatural que tivesse descido do céu á terra com a missão divina de me fazer feliz. Você bem pode calcular a infinidade de projectos que eu fiz sobre o futuro, que eu previa luminoso e atapetado de venturas. Como iria ser radiosa a minha existência ao lado dessa mulher linda, de olhos meigos, suaves, húmidos, de perturbantes promessas.

«Ema, porém, não era o ente excepcional que eu adorava através da névoa dourada da minha ilusão; estava bem longe de ser aquêl anjo que eu cantava nos meus poemas, que o fôgo há muito devorou. Era má? Era boa? Agora que a examino a frio, porque a labareda da paixão se extinguiu, acho-a apenas uma mulher vulgar, sem grandes méritos espirituais, qualquer coisa que oscila entre as meninas Pires, que recitavam, com os olhos em alvo, os versos lamechas de Soares de Passos, e as *garçonnes* do nosso tempo, educadas pelos *films* americanos. Faria, de certo, muito feliz um homem banal, sem grandes vãos espirituais, sem sonho, sem quiméras.

«Honesto? Sim, honesto, dentro daquela formula classicamente adoptada, mas sem demasiados escrúpulos morais, porque se fôsse idealmente honrada não se teria deixado vender, sem repugnância, sem um gesto de repulsa, como deixou. Limitou-se a aceitar passivamente a sua situação de escrava sem vontade, adaptando-se-lhe com uma facilidade assombrosa.

«Foi ella mesma quem me contou a transacção de que fôra objecto, como um fardo de palha negociado ao balcão, uma joia linda mas inerte que, em troca de uns escudos, passa das mãos de um detentor para as de outro.

Deteve-se, anelante. Era evidente que realizava um grande esforço para nos contar, sob uma aparente serenidade, o drama que lhe consumia a alma como labareda ateadada em um palheiro. Baixou um pouco a voz, passando em redor os seus olhos desconfiados que grandes sobrelhas negras ensombravam.

— Uma tarde, encontrando-a como de



— A única fortuna que resta a men pat sou eu — disse ella.

costume em casa de uma familia amiga, ali para os lados da Couraça de Lisboa, Ema chamou-me de parte e, assumindo uns grandes ares solenes que não lhe eram habituais, disse-me: «Eduardo, tenho uma comunicação grave a fazer-te.» Pressenti uma desgraça, mas affectando indiferença aprestei-me a escutá-la. «Vou confiar-te um segredo — prosseguiu ella, olhando o chão, hesitante. — Meu pai, devido a uns negócios infelizes, encontra-se totalmente arruinado. Ainda mantem, por enquanto, uma exteriorização de grandeza, que, afinal, não passa de aparência. Dentro de um, dois meses, se tanto, tudo ruirá com estrondo. Cairémos na miséria.» Calou-se, como que procurando na imaginação as melhores palavras para exprimir a pior realidade. Com esforço rematou: «De tudo quanto possuia uma só coisa lhe resta». «Tu?» — perguntei-lhe, em voz abafada, presentindo o desfecho espantoso. «Sim, eu» — confirmou Ema, ruborizada. — «Está, portanto, tudo acabado entre nós». Rodou sobre os tacões e afastou-se, dei-

xando-me hirto, assombrado, pregado no mesmo lugar como estátua ao pedestal.

«Ema não voltou a aparecer-me. Evitava visitar as pessoas em cujas casas nos encontravamos e as janelas de sua casa conservavam-se hermeticamente fechadas. Entretanto, eu sabia pela criada, que tantas vezes servira de correio da nossa correspondência amorosa, o que se passava na intimidade do sr. Manuel Esteves, que continuava a ostentar os seus três automóveis.

«O Esteves, para salvar-se da sua situação aflitiva, resolvera arranjar um noivo rico para a filha. Mas o interessante é que, ao contrário do que sucede nos romances de Camilo, sobre os quais nós choramos lágrimas sentidas, o casamento por interesse não era uma imposição execravel para a filha. Esta aceitava quasi com alegria a renuncia ao homem a quem prometera confiar-se de corpo e alma. Concordava com o pai,

sem que dos seus olhos lindos gotejasse uma lágrima, sem que fôsse necessário ameaça-la com as grades de um convento, sem alimentar o projecto de uma fuga romântica para os braços do namorado pobre, mas sincero.

«Certa noite, o sr. Manuel Esteves deu luzida *soirée* em sua casa. Tudo estava já combinado entre elle e a filha. Durante a *soirée*, onde compareceram inumeros convidados da *élite*, Ema, que era sedutora, prendeu facilmente nas malhas apertadas da sua *coquetterie* um jovem riquissimo, da Figueira da Foz, que não soube resistir-lhe.

«Iniciou-se um namôro precipitado, veloz e, pouco tempo depois, Antonio Fernandes, o milionário da Figueira, pedia solenemente ao Esteves a mão de sua filha. Tudo seguia conforme os planos do comerciante. Como quem trata de um negócio, o Esteves, ao escutar o pedido do pobre milionário, respondeu-lhe pouco mais ou menos nestes termos:

(Conclui na pag. 14)

OS SEGREDOS DE LONDRES

O «CLUB» CLANDESTINO DOS «MEIO-HOMENS»

UMA REPORTAGEM A COTTON STREET, N.º 81
ONDE OS SENHORES PODEM IR, SE QUISEREM

Na vizinhança de Whitechapel — A ruela em meia lua — Os «novos» — O chinês que faz propostas — Os meus cicerones — Charles Swanson, o «lisboeta yankee» — Nas trevas — A família do terceiro andar... — A janela da frente... — Os «cercles» excêntricos — O primeiro «meio-homem» — O «smoking» obrigatório — A maçonaria do alçôvão — Hope, o enigmático

□ □ O antigo e moderno Club dos «Half-men» — A polícia intervém — O regresso □ □

de amigos portugueses. De todos estes fui eu talvez o mais íntimo. Sabendo que regressara à sua antiga profissão e que era correspondente em Londres de vários diários americanos — procurei-o, mal desembarquei nesta grande capital. Jantámos juntos no «Restaurant Indiano», apresentando-me então aquêla camarada londrina — um Belo Redondo do «Daily Mirror». Do seu nome apenas me ficou um «Jack» familiar. É um sujeito magro, duma magreza concava, com o cachimbo tão fixo e firme entre os dentes enormes que chega a dar a impressão de ser mais um dente, exageradamente desenvolvido, à laia dos de elefante. Confienciara-lhes o meu projecto de reportagem em Londres — de uma Londres apenas conhecida através da literatura, de uma Londres-mistério eflohim. Swanson indicara-me o seu companheiro como uma espécie de Cook de tudo quanto os cicerones da Cook não mostram aos estrangeiros — e que poucos londrinos se podem orgulhar de conhecer. Reporter de alma e coração, «Jack» coleciona sombras e raridades da vida da grande capital como quem coleciona selos ou borboletas. Cochicharam os dois, fôsse o que fôsse — e riram no final do conciliábulo. Estava marcada a surpresa daquela noite... — escolhida entre a erudita colecção de emoções de «Jack». Paga a conta, saímos entre as vénias e os olhares hipnóticos dos hindús encasacados que nos tinham servido. Deixei-me conduzir pelos meus novos cicerones — sem os interrogar.

O SEGRÊDO DO «81»

Havia talvez dez minutos que «Jack» fôra engolido pelo portal do «81». Swanson, tão blindado



A amante de Jack era bela com evidente desmazelo

no seu calmo mutismo e na sua enervante imobilidade — começava agora a agitar-se, num evidente desassocego. O «chauffeur» abandonara o seu lugar, taconeando, friorento, sobre o passeio. Passou uma velha com um ridículo chapéu, todo à banda, e cambaleante de embriaguez. Passaram



Reporter X espreitando o «Club dos Meio-Homens»

dois *voyous* de *cache-col* de lã e boina, que nos relancearam um olhar suspeito. Passou um china europeizado, de passinho miúdo, que, depois de uma tímida vacilação, se acercou da porta do «taxi» e nos segredou, com o ar de quem pede uma esmola, qualquer coisa a que Swanson respondeu tão desabridamente que o amarelo desandou sem olhar para trás.

— Se você soubesse o que este china nos ofereceu...

Não tive tempo de Inquirir da proposta do asiático transeunte. «Jack» desempastelara-se da negrura do portal, viera, apressado, murmurar uma ordem ao amigo e desaparecera de novo.

Swanson, erguendo-se, dissera apenas um «vamos» misterioso e abalara também. Fui na peugada dos dois. Mas as trévas do portal gelaram pouco depois o meu impeto. Não via um palmo adiante do nariz. Sentí então um braço a enlaçar-se no meu e a voz de «Jack» a recomendar-me cautelas. Como sempre sucede quando pretendemos não fazer ruído, as tábuas rangiam escandalosamente sob os meus passos... Galgámos seis lanços — três andares. Depois — fui obrigado a estacar. Ouvi o ligeiro ruído de uma porta a fechar-se; o «tac» de um interruptor; e, subito, fez-se luz... Estava num corredor decorado com fresquíssimos nús oleográficos e à minha frente — olhando-me como a um bicho raro — especavam-se duas mulheres. Duas? Uma era-o pela certa. Uns trinta anos flexíveis ainda, um corpo de amáveis curvas a coarem-se através uma bata diáfana, uma cabeleira berrantemente loira, e uma maquilhagem de boneca barata. A outra era uma velha de gueadelhas esfarripadas, congestionada até ao rubro, pançada — repugnante. Ambas friorentas, ensoadas — como se tivessem pulado da cama para nos receber. Discutiam, hesitavam, e nos intervalos todos os olhares coincidiam na minha pessoa, como se fôsse eu o protagonista da scena. Por fim «Jack», como que para encurtar razões, tomou outra vez o meu braço e arrastou-me para uma sala contigua. Da sala passámos a um quarto, do quarto a outra sala e desta a um compartimento que já não me foi possível definir porque, à medida que nos afastávamos do corredor, a claridade que dele nos vinha ia aguardo até nos deixar numa coagulada escuridão. Percebi que «Jack» me conduzia a uma janela. Essa janela tinha um estore de que ele levantou um palmo — ordenando-me, por gestos, que espreitasse. Para lhe obedecer, tive de me ajoelhar. Mas os meus olhos deram com o alvo de tantos trabalhos e precauções — senti-me aterrorizado brutalmente para o meio da habitação. Fôra «Jack» quem me projectara, assim, como se eu fôsse uma bola e ele um jogador de «tennis». Depois compreendi o seu gesto! Eu cometera a imprudência de soltar uma exclamação de *aficionado flamenco* em praça de touros — e podia ter deitado tudo a perder. Mas é preciso confessar também: o espectáculo que acabava de contemplar... não era para menos...

O SINDICALISMO EXCÊNTRICO

Desde a meninice que todos nós conhecemos, teóricamente, esses clubs ou «cercles» extravagantes onde uma ou muitas dúzias de excêntricos,

agrupados pela mesma tara ou pela mesma mania, compactam numa espécie de maçonaria. Uma vez instalam-se em palácios; outras preferem locais sinistros; outras ainda exageram até à exteriorização sangrenta a sua colectiva anormalidade — ou então limitam-se a um objectivo romântico ou gastronómico. Foi Julio Verne quem primeiro nos apresentou esses sindicatos telhados fazendo sair de um deles o herói da «Volta ao mundo em 80 dias» e criando em Londres o «cercle dos silenciosos» e em Berlim o dos atacados de «spleen». Mas desta vez o profeta francês não arrancou da sua fértil fantasia esses capitulos de romance. Já na sua época eram freqüentes esses «clubs». Hoffmann, ao escrever o seu célebre conto «Club dos suicidas», não fez mais do que explorar um «fait-divers» que ocupou colunas e colunas dos jornais de Viena. Essa estranha colectividade austriaca durou de 1892 a 1895 e estava instalada em Goethstrasse. Compunha-se de 5



«Jack», um Belo Redondo do «Daily Mirror», voltou ao automóvel para cochichar um segredo a Swanson

«blasés» atacados pelo cio de emoções violentas e de noivos da morte, sem a coragem suficiente para desertarem da vida por meio de uma bala ou, de um cálice de veneno. Todas as noites reuniam-se os sócios em redor de uma mesa e jogavam às cartas. Pobre — ou felizando... — daquele a quem saísse a carta fatal! Podia arrepender-se, ajoelhar-se, oferecer fortunas... Tudo inútil. Naquela mesma madrugada «suicidavam-no» e o



Voltou no dia seguinte à mesma ruela... Chama-se Cotton Street

seu cadaver aparecia na manhã seguinte ou num portal distante ou boiando nas águas verdes dalgum lago dos parques da capital.

Mas mesmo actualmente e um pouco em todos os países pululam esses «clubs» excêntricos... Citarei alguns — ao acaso: o dos «divorciados»; o dos «cem quilos»; o dos «fumadores de cachimbo»; o dos «maus maridos»; o dos «mudos», etc. Na America existe o «cercle» dos ex-penitenciários (é Edgard Wallace quem o airma) e em França o dos *gourmets* e dos *gourmants* do qual fazem parte individualidades como Coty, Prevost, Herriot — e todos os meses se reúnem num banquete sem adjetivação possível, sendo cada sócio obrigado a apresentar, uma vez por ano, um petisco ou uma guloseima inédita. Mesmo em Portugal tem-se organizado grupos extravagantes — e creio que funcionam ainda o dos «Eruditos» do Porto (que todas as noites se encontram na tentativa de bater o «record» das asneiras conscientes); e os dos «15 comilhões» — afamados pela sua inverosmil elasticidade estomacal.

Mas apesar de conhecer um pouco todo este sindicalismo da extravagancia — jámais me passara pela imaginação a possibilidade de existir um «club» como aquêle a cuja assembleia assisti nessa noite... Soube depois que Gaston Lerroux admirara, doze anos antes, o mesmo espectáculo — contemplado da mesma maneira. Mas como nunca falei a Gaston Lerroux, o falecido escritor não teve ocasião de me prevenir. Daí o meu pasmo e a minha surpresa.

O ESTRANHO «CLUB» DO N.º 81

Depois de ter prometido ser menos exuberante nos meus espantos, regresssei à janela. Esta dava para um patio interior. Na parede fronteira rectangularava-se uma enorme vidraça. Através dessa vidraça estava o tablado do surpreendente espectáculo prometido pelos meus cicerones. A sala, em si, nada tinha de notavel; paredes forradas a *grena*, tapetes da mesma cor e o tecto com fantasias doiradas. Os móveis, sim, começavam a chocar. Eram como o dedo do gigante a exhibir-se. A palavra gigante é paradoxal neste caso, visto que móveis da sala que vos descrevo nada tinham de grandioso. E tanto assim que o meu olhar difficilmente os alcançava. Mesas de jogo, escrivaninhas, contadores, bufetes, uma espécie de balcão de «bar» que se distinguia ao fundo de uma outra sala contigua e ligada àquela por uma larga porta, todo o mobiliário, enfim, indispensavel num «cercle» de discreto luxo, recordava, pelas suas proporções lilliputianas, os brinquedos de uma casa de bonecas que às vezes enchem as

(Conclui na pag. 12)

Duas horas entre os bandidos de Chicago

“On the spot”—Um drama violento, granguinholesco vivido por Edgard Wallace, o maior, o mais querido escritor de Inglaterra, nos “bas-fonds” norte-americanos

LONDRES, 7.—Penumbra... Silêncio — um silêncio e uma penumbra que se materializam, que se iluminam e que berram. Pairam no ar os fluidos da tragédia... Roça pelas epidermes a friagem inconfundível com que a Morte limita sempre uma zona de terror à volta dum cadáver,

cadáver. Aquêlê homem, apesar do ódio que havia de sentir pelos que lhe roubaram a vida—cerara os dentes, blindara-se em silêncio — para não os denunciar, embora bem sentisse a morte...

— Mais uma esperança perdida! — lamenta o chefe da polícia...
Ciubranovitch e eu entreolhamo-nos. Os nossos ombros sacodem-se como se nos tivessem coçado... Abandonamos o nosso posto de observação e vamos fumar um cigarro.

TONY PERELLI ARTISTA —
TONY PERELLI BANDIDO

Num salão de prodigioso luxo, muralhado de quadros de cotação para milionários e com uma varanda rasgada sob a floresta de gigantes e monstros que é a paisagem de «arranha-céus» de Chicago — Tony Perelli aproveita uma hora de ócio no seu passatempo favorito e estilizado. Enverga um «kimono» de seda berrante, bordado a ouro e prata. O orgão, que toma todo o ângulo do salão e que perfura o tecto e desaparece para além dos nossos olhos, como se fosse ao céu buscar as suas vozes solenes — evoca, sob os seus sensíveis dedos de artista, aquela noite oriental em que Madame Butterfly se embala na última ilusão do seu amor — enquanto os marinheiros americanos, desembarcando em Osaka, estão em surdina e a distância o célebre côro que é da melhor inspiração de Puccini... Antichado sobre almofadas, como uma

pôvo. Não pode perder muito tempo nas doçuras da arte... É ele o generalíssimo de um complexo exército de vendedores clandestinos, de apaches de todos os bas-fonds da America, de facinoras de todos os géneros, de criminosos de todas as especialidades, de bandidos de todos os



Dennis Wyndham um dos intérpretes de «On the spot»

aspectos — desde os que envergam uma casaca e subornam os potentados políticos de Washington, que se fregolizam com o génio de um artista de music-hall, até aos que, embora enriquecidos pelos seus jornais, teimam em conservar os trajes da «mala-vita», as botas, os cache-nez vermelhos, as calças afiveladas no tornozelo. Os seus negócios, a venda do alcool, a chantagem, o assalto, o roubo puro e simples hipetrofiam os seus cofres, é certo... Mas que luta contínua e intensa: o comando único dos seus cúmplices; a gestação dos seus planos tenebrosos; a sua execução; o duelo subtil e constante com a polícia para que ela não possa nunca ter uma prova que o leve à cadeira eléctrica; a batalha com os outros soberanos rivais; a administração da justiça dentro do seu reino, castigando sem piedade os que traem, os que faltam, os que desertam, os que roubam, os que lhe desobedecem, os que hesitam — os que sabem de mais... E por cima de tudo os seus caprichos, os seus ódios, os seus amores, os seus apetites sem freio, os seus prazeres ilegítimos que lhe custam, por vezes, várias vidas... alheias. Estamos, em suma, em pleno On the spot...

ON THE SPOT...

On the spot é um drama de teatro. Os senhores já o devem ter calculado. Foi escrito por Edgard Wallace. O nome do autor significa já uma promessa de sensação. Edgard Wallace é o mais disputado, o mais popular, o mais emocionante dos escritores modernos de Inglaterra. A sua fama passou fronteiras — é universal. Os seus livros atingem a tiragem de um milhão de exemplares em menos de um ano. E escreve dezenas de livros por ano. Um artigo ou uma novela num diário ou num «magazine» de Londres ou de New-York é a garantia de uma edição quadruplicada e esgotada. E escreve dezenas de artigos e novelas por mês. Uma peça sua fica grudada ao cartaz. On the spot estreiou-se há um ano em New-York. Pouco depois estava em scena em dezoito cidades da America. Posta em scena em Londres, conheceu

e que se infiltra pela carne e que nos obriga a um tremor mais nervoso do que friorento... Ao meu lado, Jean Ciubranovitch, o heróico e invencível e sacrificado montenegrino, cujo peito, rasgado, queimado pelo fogo do inimigo, a Itália sarou e cobriu com o ouro das suas condecorações mais gloriosas — como prémio dos seus voluntários serviços de capitão de marinha, o meu inseparável companheiro de Londres e de quem já falei com o cuidado e a vénia que merece, Jean Ciubranovitch, dizia, sofre, como eu, a opressão de uma expectativa emocionante. Desço as pálpebras; e quando as ergo de novo encontrava-me frente a um soturno e estreito quarto de hospital. Um corpo ensanguentado agoniza num leito branco, entre uma irmã de caridade, um médico, um policeman e dois sujeitos de herculea compleição e chapéu pparoteado para a nuca...

— Tem alguma esperança, doutor? — indaga um dos gigantes, cujo nervosismo é evidente.

— As balas picaram-no bem... Muito tem êle resistido...

— Mas é preciso, é preciso que êle volte a si; e que fale; e que diga nomes, para vêr se começamos uma batalha decisiva! — exigiu o mais forte dos dois homens, como se ordenasse ao médico um milagre e ao moribundo a sobrepôr-se à Morte...

— Atenção, chefe... — murmura o clínico...

O agonizante movera-se; a respiração ritmava-se um pouco; os olhos abriam-se lentamente. Aquêlê a quem o médico chamava chefe — precipita-se, senta-se à beira da cama, envolve o ferido nos seus braços, chama-o pelo nome, pelo sobriquet; acarinha-o, mima-o com diminutivos paternais, pede-lhe; suplica-lhe, esmola-lhe uma revelação!

— Ouve, my boy. Sou eu — o chefe da Polícia... Quero salvar-te ou pelo menos vingar-te... Diz quem foi que disparou contra ti... Fala... Basta-me um nome — um nome diante de testemunhas. Não ouves? Então... Peço-te... Escuta-me... My boy — My...

Não concluiu a frase... Ao mesmo tempo que mastigava uma praga — descobria-se diante dum



Gillian Lind



Charles Laughton

escrava junto ao seu senhor, uma japonesa, uma Butterfly da vida real, borda e sônhá...

Mas é curto este armistício de paz. Tony Perelli é um soberano absoluto de um imenso e agitado

já três tablados — e há oito meses que enche todas as noites o Cambridge. E depois de estrear On the spot, Edgard Wallace apresentou já dez peças novas — todas elas ainda em scena e em pleno êxito. A última foi The Monthpice, e ainda ontem de tarde, no «Wyndham's Theatre», de Charing Cross, assisti ao ensaio da próxima — «Lady Z»... A actividade literária dêsse homem entoncece, torna-se inverosímil, assusta, aflije. É preciso ter entrado um pouco no segredo dos seus laboratórios — como eu entrei, para o entrevistar — para se acreditar nos boatos e nas verdades que correm como blagues a seu respeito; é preciso ter passado, como eu passei, por entre fileiras dos seus vários managers, das suas e dos seus múltiplos secretários, do seu regimento ensurdecador de dactilógrafas, de ter visto os seus dictofones, onde êle, verbalmente, como se falasse ao telefone, grava os seus romances, novelas, artigos, peças, argumentos e dialogos de films — e de onde depois as dactilógrafas, com o capacete de telefonista nas cabeças loiras, arrancam e transcrevem o que êle ditou; de ter subido ao seu escritório particular de Regent Street, à sua «Secretaria Geral» de Charing Cross; e aos seus escritórios centrais de Oldcompton Street e à sua Administração Geral de Norfolk Street — por cima do «Club dos Escritores» — para nos convencermos da espantosa fábrica de uma só máquina (êle) que é Edgard Wallace...

Mas de todos os seus êxitos nenhum trepou tão alto como On the spot — e explica-se porquê...

O DRAMA OBSECANTE

On the spot, que apaixonou primeiro a opinião americana, alastrando-se por toda a imprensa e por todas as secções dos jornais, desde a crítica tea-



Charles Laughton desempenhando o papel de bandido

tral até ao artigo de fundo, que depois se tornou em obsessão, em Londres, onde os 9.000.000 de habitantes já foram vêr ou quêrem ir vêr, esgotando-se, há 8 meses, as casas com cinco e seis



A MORTE DE CON O' HARA. O PRINCIPAL OBSTACULO DE PERELLI — (UMA SCENA EMOCIONANTE E SUGESTIVA DE «ON THE SPOT», O FORMIDAVEL DRAMA DE EDGARD WALLACE).

semanas de antecedência, não é um melodrama vulgar, não é um guignol detectivesco banal, construído com mais ou menos técnica e arte. É a simbolização dum espectáculo único da vida real, um drama que a vida realizou com génio de dramaturgo, a sua sugestão directa nos nervos, no engenho, no cérebro e na alma dum escritor que a êle assistiu, que o sentiu, que o contemplou, para com êle fazer teatro. São duas peças sobrepostas: a que o autor viu e a que êle escreveu. Daí a profunda impressão que a obra causou em todos os públicos — desde o público especial dos melodramas até aos exigentes, aos ortodoxos, aquêles a quem tudo fede...

Em Londres, On the spot é o refrain de todas as conversas, o pretexto para todas as discussões, o germen de todos os trocadilhos. Confessar-se que não se viu On the spot é mais do que uma inverosimilhança: é uma heresia.

OS BANDIDOS DE CHICAGO

O banditismo de Chicago é das americanadas mais violentas do século. E isto apesar dos bandidos de Chicago ser obra de estrangeiros, quasi todos êles, os chefes, italianos. É a «Maffia»; a «Mão Negra», a sombria e tenebrosa maçonaria do crime de Napolés, da Calabria, da Sardenha — com livre expansão no país dos exagêros, das máquinas, das extravagâncias e do cinema. As batalhas entre os exércitos de apaches e a polícia ou o entrocchoque entre os vários grupos rivais metem pistolas-metralhadoras, bombas, gases asfixiantes e todo o material moderno de guerra. A aviação, o submarino, a T. S. F., todos os recursos da sciência colaboram com os bandidos de Chicago. A polícia fracassa, porque os milhões ganhos pelos soberanos do crime manobram os guindastes das eleições. Varios deputados e influentes políticos — não é segredo para ninguém — estão comprometidos pelos bandidos de Chicago. Ford não foi à presidência da Republica porque Al Capone — o símbolo — não quis; e não quis porque Ford prometeu abrir guerra de morte ao banditismo de Chicago.

Mas este film trágico era já demasiado conhecido... exteriormente. Romancistas e jornalistas — entre estes Geo London — gastaram Niagaras de tinta reproduzindo a fachada, os cartazes, os toldos do grande edificio. Edgard Wallace não...



Janet Megrew

Edgar Wallace foi lá, viveu com êles, viu-os, ouviu-os, desventrou-lhes os segredos mais reconditos...

PERSONAGENS DA VIDA,
HEROIS DE TEATRO

Edgard Wallace, que não perde um minuto, que tem uma hora por dia para se lavar, barbear, comer e deslocar-se de um para outro escritório, resolveu, há ano e meio, atravessar o Atlântico e perder dois meses. Incógnito, primeiro, como um aventureiro fugido, infiltrou-se... on the spot, conviveu com os bandidos de Chicago, fingiu associar-se a êles. Depois, finda a comédia, revelou-se, apresentou-se à polícia, conseguiu a amizade do chefe

(Conclui na pag. 14)

OS SEGREDOS DE LONDRES

(Continuação da pag. 9)

montras das lojas da especialidade. E como no primeiro momento apenas *vi moveis* — julguei contemplar um armazem de brinquedos — e achei ridiculas as promessas de emoção feitas pelos meus companheiros... Mas eis que como por milagre as salas se povoam — e eu senti então aquela dúvida angustiada em que balanceamos o espirito na pergunta horrível de... «Estarei louco?». E' que os habitantes daquelas salas arrastavam-se como animais; dir-se-ia que sob eles, em vez de um tapete, havia a água de uma piscina que lhes chegava até à cintura — porque só da cintura para cima eram visíveis. O resto do corpo, as pernas, desapareciam no soalho. Se naquele momento me tivessem dito que se tratava de seretas-masculinas e se os meus olhos tivessem visto uma cauda de peixe gigantesco, recamado de escamas verdes e rebrihantes, como prolongamento daquêles corpos amputados dos membros inferiores — maior não teria sido a minha incredulidade. Mas o que mais me perturbou foi a apresentação dos restos humanos existentes — ou seja dos bustos, das cabeças e dos braços. Ao principio seriam uns vinte (quando abandonel o meu posto de observação êsse numero tinha triplicado). Mas tôdos êles envergavam «smocking»; tôdos êles se haviam escanhoado e penteado meticulosamente; e embora em alguns aquela *toilette* desse a impressão de os oprimir, como quem está pouco habituado a esses luxos — na grande maioria era evidente o «á vontade», o costume do protocolo elegante e social...

Subito compreendi tudo — ou quasi tudo... Da sala contigua arrastava-se para a da janela um dos misteriosos *clubmen*; e foi, ao vê-lo deslizar, meio-homem apenas, e que os meus olhos atingiram uma espécie de carrinho, rés-vés o soalho, dotado de umas rodinhas pouco maiores do que o diametro de um copo de água, cercadas de borachas para suavizar a rodagem. Era uma modernização ultra-civilizada e quasi luxuosa dos carrinhos que os aleijados pobres de Portugal usavam antigamente — para vender cautelas ou pedir esmola. Nas mãos enluvadas de branco, o recém-chegado trazia, presas com um elastico, umas minúsculas pás que o ajudavam na manobra da deslocação — poupando-o ao contacto directo das luvas com o soalho. Circunvagando a vista pelos meio-homens que estavam ao meu alcance — uns rodeando as lilliputianas mesas e jogando cartas, outros refastelados (?) em «mapples» de boneca e cavaqueando amenamente; outros ainda agrupados à volta de uma garrafa de «whisky» e bebericando alegremente — notei que tôdos êles equilibravam os troncos desmembrados sobre carrinhos iguais ao do que acabava de entrar na sala.

Mas a compreensão exterior — chamemos-lhe assim — daquela gente não me explicava o seu enigma nem diminuía a minha curiosidade. Que significava tudo aquilo?

Regressámos a Piccadilly Circus — a grande pista de Londres... Pelo caminho os meus companheiros, sorrindo, apenas me perguntavam *se eu tinha gostado*. Torturavam propositadamente a minha curiosidade; e só quando, meia hora depois, abancámos a uma mesa do «hall» enorme do Regent Palace-Hotel, frente a umas admiráveis cervejas «stout», é que se resolveram a explicar-me o significado daquêles «cercles», raro entre os mais raros de que tenho tido conhecimento até hoje.

— Nós, os ingleses, você sabe, temos o habito ancestral de nos agruparmos, de nos «sindicalizarmos», mal exista um insignificante ponto de contacto que nos ligue a mais dois ou três — começou «Jack». — O que você viu hoje é, antes de mais nada, uma demonstração do que afirmo. Trata-se de um «club» de «homens... sem pernas», mas totalmente amputados dos membros inferiores, porque se tiverem meia perna já não podem entrar no «cercle». O «club» dos «altermen» teve, antes da guerra, a sua aureola de popularidade pitoresca; um colega nosso do «Daily Telegraph» fez uma re-

portagem sobre êle — bem curiosa, por sinal — e o romancista francês Gaston Lerroux, que visitou Londres em 1912 quiz visitá-lo — inspirando-se nêses aleijões sindicalizados para algumas das suas melhores páginas literárias. O fundador do «club» foi Sir Albery Farjeon, a quem um comboio esmagara as pernas. Até à guerra êsse «cercle» tinha apenas dois aspectos intimos: O «inglês» — chamemos-lhe assim — ou seja o da necessidade de se agruparem individuos ligados ou igualados por uma causa qualquer: e o de assistência moral e material dos aleijados ricos aos aleijados pobres. O «Club dos sem pernas» estava então quasi luxuosamente instalado em Newgate Street. Depois da guerra modificou-se totalmente. Sir Farjeon morreu em 1918; e apareceu a substituí-lo uma estranha e desagra-



Charles Swanson foi adido militar dos Estados Unidos em Lisboa

davel figura — um tal Richard Hope. Hope fez a guerra e na guerra perdeu ambas as pernas. Ao que parece, desculpa com essa fatalidade (êle era um rapagão desempenado, forte, sadio...) a sua actual e crónica bilis, o seu ódio contra tôdos os homens que não são aleijados. Impôs-se e fez do «club» coisa sua. Dos antigos sócios apenas ficaram os pobres, os que necessitam da protecção monetária de Hope. Os que pertenciam a boas famílias desertaram tôdos. Mas entraram outros — escolhidos pelo novo presidente... E' obrigatório o «smocking» e o próprio «club» os oferece aos sócios que não os possam ter.

«Muita gente pensa que o «club» dos meio-homens acabou há muito. E razão têm para pensar. A policia fechou-o em 1923 — e ainda não deu licença para o reabrir...

«A história é sombria e enigmática, como allás tudo e tôdos que recebem sobre si a sombra pegajosa dêsse Hope. Pouco a pouco o «cercle» fôra modificando a sua existência intima — tomando aspectos maçonicos. O que primeiro chamou a atenção de Scotland Yard foi a soma dos gastos que Hope fazia. Que se saiba — nunca foi rico. Que se conheça — não tem negócio ou trabalho que lhe dê rendimentos equivalentes ao dinheiro que esbanja. Os seus consócios pobres passaram a viver como ricos; e os que não eram pobres — deixaram quasi tôdas as suas antenas

ocupações. Em 1923 o «club» foi salpicado pelo sangue de uma tragédia. Uma rapariga de boa sociedade *suicidou-se* na antiga séde. Houve suspeitas graves... A vitima era a primeira mulher que invadira o refugio dos aleijados. Embora não pudessem provar coisa alguma contra Hope e seus amigos — o «club» foi fechado. Mas eis que pouco tempo depois êle ressurge, clandestinamente. Foi um acaso que me denunciou. Hoje e comsigo sômos cinco a conhecer êsse segredo...

UMA MÃE E UMA FILHA

«Você observou bem aquelas duas mulheres, não é verdade? Em Portugal deve haver specimens semelhantes — porque o genero, embora pouco vulgar, é universal. Mãe e filha. Quando resolvem sair de casa — o que é raro — fregolizam-se por completo. A velha toma ares de viuva de um lord; a filha, cujos encantos se apagam no desmazêlo da intimidade, revela-se uma verdadeira beleza. Sabe vestir e é formosa. Encontrei-a num «lunch-room». Impressionel-me, burlou-me... Segui-a, apaixonadamente. Idillo. Desilusão cruel. Mãe e filha vivem eternamente embriagadas. Herdaram aquêlle prédio e gastam o dinheiro em cerveja e gin. O pouco azeite, o desmazêlo, o estado permanente de perturbação em que se encontram, afugentaram-me. Mas um dia, em confidência, a filha contou-me que tinham alugado parte da outra ala do prédio a um parente da mãe — o tal Hope... — e que êste, depois de lhes ter arrancado, sob mil ameaças, o juramento de segredo, instalára ali o seu «club» de «meio-homens». O prédio tem três entradas. Eles utilizam-se de duas. Nenhum dêsles anda cá fóra no carrinho. Os carrinhos estão armazenados no vestibulo do «club». Uns usam muletas; outros pernas mecánicas (como o próprio Hope) tão perfeitas que mal deixam a conhecer a amputação. Uma vez chegados ao «club» — abandonam muletas ou pernas artificiais; envergam o «smocking» e entram no carrinho. Tôdas as noites, após umas horas de liberdade, de alcool e de jogo, fecham-se num gabinete e estão longo tempo em conjura sob a presidencia de Hope. De que tratam? Qual é o objectivo da sua colectividade clandestina? Qual a fonte das suas inesgotáveis receitas? Ignoro...

«Você deve ter notado também a resistência que elas me ofereceram para que eu o levasse à janela de onde se contempla as salas do excentrico «club»... E' que têm por êle — pelo Hope — um verdadeiro terror. Dir-se-ia que conhecem algo da sua vida que as faça acreditar na gravidade das suas ameaças... Pelo menos é essa a impressão que a filha me dá quando, na intimidade, me fala de Hope...»

PELO SIM PELO NÃO...

Nada mais me disse o amigo de Swanson. Mas como eu conheço a incredulidade maldosa de certos individuos, sempre prontos a lisonjarem a fantasia do jornalista, atribuindo a ela tôdas as reportagens que saem da limitadíssima zona da bisbilhotice dos vizinhos do seu prédio, sendo incapazes de confiar em quem lhes illumina as existencias estranhas, fóra do seu âmbito mesquinho — tive o cuidado de voltar no dia seguinte à mesma rua curva e sinistra das proximidades de Whitechapel — e tomar nota do seu nome. Chama-se a ruela Cotton Street e dois caminhos nos conduzem até lá: Commercial Street e Aldgate Street. Quanto ao número da porta — já sabem: 81 — 8 e 1 — 9... Eu bem lhes dizia: os «novos» são, para mim, arautos infalíveis — profetas seguros de grandes acontecimentos...

REPORTER X

(Copyright by «Reporter X»)

(Reservados tôdos os direitos de reprodução ou tradução)

UM BRASILEIRO DE TORNA-VIAGEM

Por absoluta falta de espaço, não nos é possível dar á estampa, no presente número, uma sensacional reportagem que intitulámos *Um brasileiro de torna-viagem*.

Tentaremos incluí-la no próximo número.

"FLOR DE LYS" SÍMBOLO DE MISÉRIA E DEGRADAÇÃO

○ comércio de uma personagem real que se exhibe como um monstro de pesadelo

Choque, aspero e frio, das muletas ferradas no solo azulejado do café, chamou a minha atenção, prevenido depois da afirmação categórica de José Torres: —Vais vê-lo de aqui a pouco. Encontra-



do-o no último gole de chá. Lambeu os lábios, com volúpia canina, mordeu-os depois para lhes acentuar a vermelhidão e compôs o semblante, dando-lhe o ar habitual de sorridente imbecilidade, como numa caracterização.

—Vai-me comprar cigarros!—ordenou, depois de rebuscar inutilmente as algibeiras, à rapariguita loira que viera para seu lado. Ela foi. Voltou depois com a compra, de que ele se apoderou. Quando acendeu o cigarro reparou no sumptuoso anel brazonado que ostentava no dedo anular da mão esquerda. Fixei-me bem, sem atender a que a minha curiosidade podia ser notada. Sob uma corôa ducal três flores de lys enlaçadas... Estarrecido, desprezei os outros detalhes.

COMO ÉSTE JOVEM BRAZONADO ESCRIVE OS SEUS PERGAMINHOS

José Torres, evidentemente, pretende exhibir-nos tôdas as facetas dêste exemplar da sua colecção. Puxa-lhe pela língua. Força-o a mostrar o grau da sua cultura e da sua educação, obrigando-o a falar. E ele fala, com aquela voz afinada ao piano, que reputa o seu filtro irresistível. Comenta, doutoral e irresponsível, batendo bem as sílabas, numa atitude grave, a conversa em que nos entretevímos, enquanto êle devorou os pasteis:

—Cá para mim a literatura é uma chatice. Parece impossível que os senhores, rapazes novos, percam o tempo a discutir essas larachas e a lêr as asneiras dos livros. Eu cá leio

Os versos dêle não prestam para nada! Nenhuma pessoa inteligente compreende aquilo. Eu cá não entendi nada!...

Satisfeito comsigo, com a sua eloquência e o seu saber, continuou, vendo que ninguem o interrompia:

—E o Guerra Junqueiro?... Êsse ainda é pior. Estive outro dia a lêr a *Velhice do Padre Eterno* e achei uma porcaria. A Bíblia é um livro escrito por Deus, ensinou-me a minha mamã, e eu acredito. Com que direito é que se pôs a chuchar com uma coisa tão séria? A religião faz falta. Quem não faz falta nenhuma são êsses poetas que desmoralizam a sociedade! Toda essa literatura está a pedir as fogueiras da Inquisição para queimar tanta imoralidade!

Interrompeu-se. Atordoados, tôdos nós guardámos silêncio. Aquêles desplante, aquela estupidéz tão descarada e altiva, embaçava-nos. Romulo Augusto de Santa Rosa—assim se chama, ou diz chamar-se, êste mísero rebento de sucessivas degradações—continuou, fixando-nos a tôdos com superioridade:

—Eu cá não sou literato, mas entendo mais disso que êsses analfabetos, que tôdos os dias escrevem asneiras. Ainda ontem li numa revista de cinema uma data de burrices a respeito do sonoro. Eu cá não sou cinéfilo, mas gosto do progresso. Entendo que o sonoro é preciso para sonorizar as fitas mudas!

E calou-se, a gozar o efeito das suas grandes frases. Entrelhámo-nos. Mais do que a sua ignorância petulante, chocava-nos a sua atrevida grosseria, rotunda, dominadora, enchendo-lhe as bochechas, atirando-se com a violên-

mo-nos às dez horas. Convidou-me para passar a noite e accitei. A-pesar-da sua ignominia irritante, interessa-me. E' o mais completo compêndio de imoralidade que conheço.

Voltei a cabeça para vêr a personagem esperada. Tôdos o olhávamos, ávidos de curiosidade. José Torres definira-o com uma realidade fotográfica nos três episódios que nos tinha contado. O corpo deformado, encadernado pretenciosamente na farpela de moderna estampa, oscilava como um badalo, quando as muletas, ritmicamente, se fíncaram no solo, cedendo ao impulso da perna sobrevivente. Acercou-se de nós o jovem vampiro, ridiculamente cortês, imbecilmente amável. A cara inexpressiva, de traços vulgares, em que uns olhos de brilho artificial refulgiam doentamente, acusando taras e vícios, vincava-se num sorriso pateta, sem côr, sem brilho, sem expressão. Procurava imprimir-lhe a escultural beleza da elegância superior, e era apenas uma caricatura repelente, a imagem viva do ridículo humanizado num rôsto. Naquêles *factes* empalidecido por verminosas influências ostentava-se, num colorido lácteo, a corrupção física e moral daquêle corpo.

Abriram-lhe espaço, deram-lhe uma cadeira e instalou-se. O ambiente de curiosidade que deparou, envaidecia-o. No nosso interesse vislumbra talvez inveja. Julgava-nos ciumentos do seu prestígio entre as mulheres—entre aquelas pobres mulheres que eram o seu comércio e a sua opulência aparente.

—Tomam alguma coisa?—preguntou numa voz estudada, ensaiada ao piano, comovente de artificiosa sonoridade. Recusaram tôdos e êle pediu chá e pasteis. Comeu, serviu-se com abundância. Seus olhos acusavam voluptuosamente o prazer da deglutição. Foi a única vez em que lhes encontrei sinceridade.

Entretanto acercou-se uma rapariguita graciosa, ares e atitudes de ingenuidade acusando ainda a sua aprendizagem no ofício... Sentou-se perto dêle, depois de nos olhar a tôdos. Ele devorava gulosamente o último pastel, afoğan-



Paulo de Kock e Beldemonio... Isso sim, que instrui a gente! Aprende-se a conhecer a vida e a aproveitá-la sem ralações. Quando oiço falar em Camões arrelio-me tôdo! Parece mentira que chamem a êsse tipo um grande poeta!

cia de insulto. Prossegue, senhor de si e do seu sucesso:

—Como os senhores vêem, eu sou um ho-

(Conclui na pag. 15)

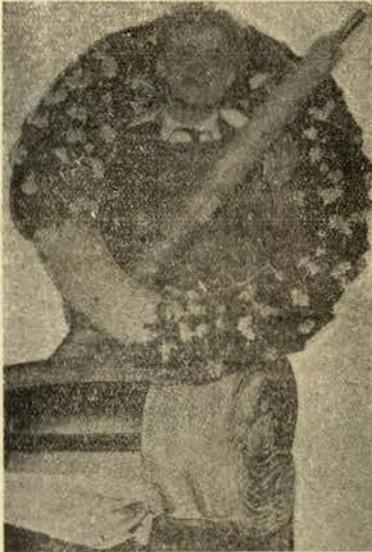
A lei sêca na America do Norte Negócio fechado por 1.800 contos

(Continuação da pag. 5)

nação dos *camions* distribuidores, como nas batalhas com as outras organizações, às quais, normalmente, roubam o alcool que transportam.

No Estado a que Al Capone preside, a grande função compete ao ministro do Alcool — cuja designação, para efeitos públicos, se transforma, inofensivamente, em *ministro da Cerveja*. Cabe-lhe a direcção e fiscalização de todos os serviços que vão desde a compra do *whisky* até à sua entrada nos estabelecimentos de venda ao público.

As lutas dos companheiros de Al Capone com a policia são constantes e sangrentas. O Estado Americano quere,



Peça de fazenda, remo e corda mortuária... húmidos

a despeito de tudo, impôr o cumprimento da *lei sêca*. E os seus agentes arriscam-se freqüentemente na caça às organizações de contrabandistas.

A-pesar-de tudo, a luta contra a *lei sêca* recrudescer de dia para dia. Verificam-se constantemente casos terríveis, doenças tenebrosas, ante as quais a medicina confessa a sua impotência. O envenenamento pelo alcool falsificado produz aluviões de vítimas. Essa é a consequência mais evidente da proibição. Só num hospital de Filadelfia foram recolhidos e tratados, num periodo de seis meses, 600 doentes, dos quais faleceram 63 e ficaram cegos 25.

Um dos médicos desse hospital, constatando tão impressionantes resultados da *lei sêca*, deitou as mãos à cabeça e gritou:

— A proibição causa mais vítimas que a taberna!

Z.

(Continuação da pag. 7)

«Meu amigo, acedo da melhor vontade ao seu pedido, se me mandar entregar quanto antes mil e oitocentos contos de que necessito para liquidar uns negócios». O noivo conformou-se. Pagou o consentimento por mil e oitocentos contos e, agora, segundo me dizem, vive felicissimo ao lado dessa mulher.»

Calou-se Eduardo Fonseca a olhar-nos, a espreitar no nosso rosto o efeito produzido pelo seu relato. E como nós nos conservassemos silenciosos, Fonseca, gritando quasi, perguntou-nos:

— E não acha que isto é uma infâmia? Um acto inaudito de dissolução?

E como nós lhes respondessemos afirmativamente com a cabeça, êle murmurou tristemente em voz sumida:

— O meu sofrimento é que não tem indemnização possível. Os mil e oitocentos contos não pagariam o que espiritalmente perdi neste negócio...

Saiu, quasi sem se despedir. Ficámos a contemplar a sua silhueta magra atravessando a longas pernas a Praça 8 de Maio, até se perder entre a multidão.

De subito, alguém nos bateu no ombro. Era o João Veiga, o director de um novo jornal de Coimbra intitulado *O Negro*, semanário de grandes reportagens, que acabava de perder, por minutos, um acontecimento sensacional... Deixá-lo, ocupar-nos-íamos nós, embora mais modestamente, daquêlle caso escandaloso.

REPORTER MARIO

REPORTER X

Alcançou um êxito verdadeiramente notável no nosso número de sabado passado.

Em vários pontos do país esgotou-se por completo, apesar de termos aumentado consideravelmente a sua tiragem, chegando-nos ainda, a cada instante, pedidos de mais exemplares.

Com trinta e duas páginas a cores, profusamente ilustrado, inserindo artigos de grande sensação e mantendo o preço habitual de um escudo, Reporter X afirmou-se mais uma vez como grande semanário de indole popular.

QUEREIS DINHEIRO ?

Jogai no

Gama

Rua do Amparo, 51—LISBOA

PREÇOS CORRENTES

Pelo correio mais \$80 para registo

SEMPRE SORTES GRANDES!!!

Homens & Factos do Dia

(Continuação da pag. 3)

tamente uns e outros sempre que a oportunidade e outras condições no-lo permitam. Se não gozamos das simpatias do sr. Afonso Costa e seus amigos, em melhores relações não estamos com os seus inimigos.

Pautando as nossas atitudes pelo que sentimos e não pelas opiniões alheias, encontramos-nos no ambiente político português — perdoem-nos a comparação — como no seu tempo Afonso de Albuquerque, um Afonso porventura mais cruel mas muito maior e desassombrado nos seus feitos do que o outro Afonso de que nos ocupamos: «De mal com el-rei por amor dos homens, de mal com os homens por amor de el-rei.»

MARIO DOMINGUES

Duas horas entre os bandidos de Chicago

(Continuação da pag. 11)

superior dos detectives — o único homem que tem resistido a todas as ameaças, atentados, perseguições, contra-ordens governamentais de Washington e ao próprio subórno; o único homem que assusta e atemoriza os bandidos de Chicago;



John Gordon

o único que lhes deu — e dá — uma guerra sem tréguas — e graças a essa amizade pôde escrever o seu drama. Todas as personagens da peça existem ou existiram: Edgard Wallace trouxe consigo as fotografias dêles e por elas os artistas compuseram geralmente o seu tipo. Charles Laughton, no papel de Tony Perelli é admiravel. Um actor louro, inglês, nitidamente saxão — conseguio ser o napolitano de raça e tradição, americanizado com uma eloquência impressionante. Cronin Wilson no chefe de policia; Whyndan no papel do medroso e paradoxalmente ousado que é Feeny; a graciosa Gillian Lind, na japonesa Min Lee (que em vida se chamou Tsawa e cujo verdadeiro retrato está no hall do teatro) e sobretudo Janet Megrew, no papel de Marie Pouliskil — conseguiram ser a fotografia humana das fotografias postais que Wallace trouxe dos Estados Unidos e cujos exemplares me ofereceu. E dai a profunda, a violenta emoção que esse drama nos provoca... Se êle mesmo, o drama em si, o *On the spot* é uma fotografia de um drama specimen desenrolado entre os bandidos e que o chefe da policia revelou a Wallace...

R X.

“Flor de lys” símbolo de miséria e degradação

Continuação da pag. 13)

mem do meu tempo. Não gramo a literatura, porque isso é ofício de pelintras. E eu nasci para gozar, para viver bem, para ser feliz. Os poetas, então, não lhes ligo nenhuma! Só fazem versos que ninguém entende, quando podiam fazer quadras para cantar à guitarra. Isso sim, que é arte e poesia!... Quando oiço um fadinho, bem gemido e cantado, intê choro!... Eu sou muito sentido. A's vezes até cuido que sou poeta!...

José Torres, com uma grande serenidade, interroga-o:

— Tu já fizestes versos?...

— Já — confirmou êle, superior e glorioso, sentindo cingir-lhe a fronte a corôa augusta dos imortais. — Mas deixei-me disso. Dava pouco e tinha um trabalhão para arranjar as rimas.

— Tens algum livro publicado? — insistiu José Torres.

— Não, que eu não sou trouxa. Fazia umas fôlhas soltas, em alexandrins. Era um sucesso! Fiz uma data delas: *O pão de lixo, A malta burguesa, O reino do trabalho...* Tudo coisas boas para agradar ao povo. Nêsse tempo era um avançado. Mas vendia pouco. Nesta terra ninguém aprecia o talento. E fiz ainda outras, de carácter menos sério: *O que o primo fez à prima, Não me bulas na trinqueta, Olha o cometa...* Tudo literatura popular, para divertir!...

Tomou o fôlego, humedeceu os lábios e reatou:

— Também cultivei a canção nacional. E fiz figura! Tenho meia duzia de fados tôdos cati-tas, a puxar ao sentimento. Devo-lhes o *filé* que as mulheres têm por mim. Ai! o fado e as mulheres são a minha perdição!... E ficou-se, o fado alvamente imobilizado numa expressão de fingido encantamento, a bôca parvamente entreaberta numa carêta.

José Torres, evidentemente enjoado, inter-pelou-o:

— As mulheres?... Como as julgas?...

Romulo Augusto contestou, num tom solêne, com um gesto de superioridade:

— Como elas são. Aproveito-as para o que servem. Quando me desagradam, enxoto-as. Nunca me faltam. São elas que me procuram. Não há por aí muitos rapazes como eu! — terminou, enchendo e levantando o papo, conscio da sua importância.

A voz daquela criatura produzia na nossa sensibilidade uma paralisia, um embrutecimento estranho. Nenhum de nós o interrompia. Apenas o fitavamos, surpreendidos de tanta baixeza.

Êle insistiu:

— Aqui onde me vêem, sou aristocrata, das melhores famílias cá da terra. Descendo dos duques de Santa Rosa, filhos de reis, da melhor nobreza da França. Tenho as flôres de lys no meu brazão — e mostrava-o: num campo matizado de estrêlas, três flôres de lys enlaçadas, sob uma corôa ducal. Estendia-nos a mão — a sinistra — emproando-se na atitude soberana de quem espera que lha beijem.

— Já vêem — continuou — que tenho cá as minhas razões. A fidalguia sente-se!

A rapariguita loira assistia à conversa, fitando no rôsto daquele monstro os seus olhos azuis, profundos, enormes como a sua desgraça, buscando em vão a alma que procurava. Êle vê as horas. Inclina-se para ela e segreda-lhe qualquer coisa. Chama o criado e enquanto ela paga a despesa levanta-se e ordena-lhe:

— Vou pró Parque. Segue para a tua vida e lá te espero. Ela partiu adiante, ligeira e graciosa. Depois foi êle, sorridente, superior, as muletas ferradas batendo fortemente no chão azulejado do café, a chamarem a atenção...

— Êste homemzinho — disse-nos José Torres após um grande silêncio, durante o qual, mentalmente, arrumámos os fragmentos biográficos deixados a cada um pelo ausente — é muito

mais do que nós disse e do que vocês imaginam. Viram-no através a sua expressão mental, infima e réles como a caspa de um fracasado; vão vê-lo, através a sua vida, na sua degradação moral.

E contou:

— Nêle tudo é mentira: — a ascendência, o nome, os apelidos, o braço, invento do seu delirio de megalomano inferior. A versalhada de que se orgulha, pagava-a a quem lha fazia e publicava-a como sua. Foi sempre um vadio. Odiou sempre o trabalho. Chego a convenecer-me de que mandou cortar a perna para se fazer mendigo.

José Torres calou-se um momento. Dispôs as ideias e esclareceu:

— Conheci êste tipo em casa de uma familia de medianos recursos, mas distinta e honrada. Do casal, cujo chefe morrera, havia duas meninas, formosas e insinuantes como devia ter sido a mãe. Era o encanto de uma delas que me levava lá tantas vezes. Mas tôdos naquela casa davam a êste farrapo uma ternura infinita, que êle conquistara alardeando a sua origem, a sua capacidade e a sua desgraça. Tendo captado a confiança da familia, começou a convidar as pequenas, ora uma, ora outra, para o acompanharem ao cinema. E elas iam. Uma tarde — anoitecia já — voltou sósinho, pezaroso, vestígios de lágrimas nos olhos falsos. E contou que Angela — era a mais velha, a que eu amava — lhe fugira na Avenida, metendo-se num taxi. Êle chamara, gritara, fizera alarido, procurando evitar uma desgraça. Mas inutilmente. O taxi desaparecera.

A voz de José Torres abafava-se em desolação e máguia. Uma dôr imensa toldava a viva scintilação dos seus olhos.

Refez-se e continuou:

UMA REPORTAGEM EM FAMÍLIA

A propósito do nosso artigo intitulado *Uma reportagem em familia*, publicado num dos números transactos, sôbre os progressos do Sindicato e Caixa de Previdência dos Profissionais de Imprensa de Lisboa, recebemos da Caixa de Previdência o seguinte officio que muito nos desvaneca:

Ex.mo Sr. Reinaldo Ferreira, Director do Reporter X. — A Direcção da Caixa de Previdencia do Sindicato dos Profissionais da Imprensa leu, com muito prazer, o interessante artigo publicado no seu magnifico jornal, enviando-lhe muitos agradecimentos por tão enevoando gentileza que bastante nos sensibilizou.

Aceite, meu distinto camarada, os nossos cumprimentos, que tornamos extensivos ao jornalista que tão carinhosamente escreveu o referido artigo.

Com os nossos cumprimentos, enviamos saudações cordiais — O Presidente — Jullão Quintinha.

METAIS-FERRAMENTAS

Rua do Loureiro, 86 a 92

Telef. 434 — PORTO

CASA DOS METAIS
Gomes da Silva, Ltd.
ESPECIALISTAS

Balanças, artigos
para a industria

— Não tornei áquela casa, onde fracassara a minha primeira ilusão de amor. Mas soube, poucos meses depois, que a Beatriz, a outra filha, tinha desaparecido, como a irmã. A pobre mãe, desolada no seu abandono (Romulo Augusto deixara de a visitar após o desaparecimento de Beatriz) procurava, numa ansia desesperada, o misterioso paradeiro das filhas. Mas soube depois (fui eu contar-lhe) que uma e outra tinham sido violentadas por um senhor com quem as negociara Romulo Augusto. Certo da confiança que nêle depositavam, meteu-as em automoveis sob o pretexto da sua dificuldade em andar e levou-as para sitios onde não podiam defender-se, onde os seus gritos de socorro e de desespero ecoavam como num deserto. E a violência venceu-as. A Beatriz venceu-a um narcótico... Depois, o receio e a vergonha de exhibir a sua degradação determinou-as à aceitação das condições de vida que lhes foram impostas...

— Encontrei Beatriz há pouco, — disse José Torres com tristeza, fechando um parentesis na sua narrativa. — Foi para a Africa. Um antio-cio discreto do *Diário de Noticias* proporcionou-lhe uma saída... Da Angela não sei nada.

E calou-se, a olhar, na distância, qualquer imagem atraente e saudosa.

Eu perguntei:

— E êste miserável ficou impune?

— Tem ficado sempre, afirmou José Torres. Conheço mais seis casos como o que contei. E' disso que êle vive, assim petulante e cinico. Quando pode é êle quem as corrompe. Depois lança-as no mercado e exige-lhes, diariamente, além dos extraordinários, como viram há pouco, a contribuição estabelecida — a *participação no negócio*, como canalhamente define.

Voltando-se para mim, José Torres interroga:

— Lembras-te daquela pequena muito linda, sem a perna esquerda, que uma tarde encontramos no Jardim da Estrela e que eu te indiquei?

Eu lembrava-me e José Torres biografoi:

— Foi namorada dêle e a êle deve a sua perdição. Desonrou-a, mas prometeu casar, logo que arranjasse colocação — uma colocação excelente, digna da sua intelligencia e dos seus pergaminhos. Andava tratando... Era coisa certa. Como não o conheciam ainda, para tornar menos penosa a sua existência, hospedou-se em casa dela, onde viveu à barba-longa alguns meses, esperando o chorudo emprêgo. Entretanto a rapariga adoeceu gravemente e teve de ser hospitalizada para sofrer uma operação de que lhe resultou a perda da perna esquerda, como êle...

Levantámo-nos. Tomámos o caminho da porta. José Torres foi-nos dizendo ainda:

— Esta pequena que o acompanha agora corrompeu-a êle também. Fez-lhe namôro depois de ser visita da casa e ter conquistado as boas graças da mãe com as insistentes referências à sua infelicidade e ás suas aptidões. A rapariga foi-se deixando prender e, há seis meses, quando a mãe faleceu, vítima de um desastre, êle meteu-se-lhe em casa e violentou-a. Sujeitando-a a uma vida de penuria, a que ela não estava habituada, foi-a preparando cautelosamente para o destino que resolvera dar-lhe. E, alugando-a hoje a um, amanhã a outro, habituou-a a essa vida infame em que vocês a vêem agora.

José Torres fechou assim, fitando ao longe Romulo Augusto, que descia olímpicamente a Avenida, acompanhado pelo discreto rufar das muletas:

O pai dela está em Africa. Já o informei de tudo. Mandou-me dizer que não tarda a ir para vingar a afronta. Quando mais não seja, promete cortar ao nobre vampiro flor-de-lisado, a outra perna...

GIDE BEY

GOSTA DE LEITURAS

EMOCIONANTES ?

LEIA OU ASSINE

**A
NOVELA
POLICIAL**

DO "REPORTER X"

CAPA A CÔRES

16 PAGINAS, 1\$00